

ANA PAULA SARAIVA DE SOUSA

A ESCOLA COMO MEDIADORA
DA LEITURA

FORTALEZA
2005

ANA PAULA SARAIVA DE SOUSA

**A ESCOLA COMO MEDIADORA
DA LEITURA**

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará sob a supervisão da Prof. Dra. Ana Maria Sá de Carvalho, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA

2005

A ESCOLA COMO MEDIADORA
DA LEITURA

Por

ANA PAULA SARAIVA DE SOUSA

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Ana Maria Sá de Carvalho
Orientadora

Prof. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante

Prof. Ms. Maria de Fátima Silva Fontenele

Este trabalho é dedicado a todos que me ajudaram nesta longa caminhada, como colegas, professores, familiares e amigos. Mas em especial, a minha mãe pela sua dedicação e força, pois sem ela não estaria aqui, aos meus filhos David, Leonardo, Caio e o meu esposo Eduardo, razão do meu viver.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida e pela força que me trouxe até aqui; agradeço também: as minhas colegas, pelos vários momentos inesquecíveis compartilhados nestes anos; em especial, a Eva, Joana, Leilane e Roseli, pelo carinho, ajuda e o incentivo prestado na elaboração deste trabalho; a minha chefe e companheira de trabalho Raquel, pela paciência e pela amizade; ao meu esposo Eduardo pelo incentivo e apoio financeiro para a elaboração desta; aos professores do Curso de Biblioteconomia, responsáveis pelo grande aprendizado, tanto profissional como pessoal, principalmente a Professora Ana Maria Sá pela oportunidade dada novamente e a minha mãe que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida.

RESUMO

Foi realizado um estudo realizado em duas escolas do município de Curitiba que se dedicam exclusivamente com o público infantil, desenvolvida para avaliar o real impacto das políticas de leitura e escrita na formação dos novos leitores. A pesquisa foi realizada com mediadora de leitura, pois segundo especialistas em educação, o melhor momento para desenvolver a leitura dentro da mesma em parceria com os pais é durante a infância, ainda na infância, pois quanto mais cedo se inicia a leitura, mais o intelecto desenvolve-se. Mas que tipo de leitura e escrita são as melhores para a maioria dos pais hoje não governa as práticas que se dão em casa da leitura com que eles se envolvem? Como se dá a leitura em casa? Qual o perfil de aquisição e produção textual? Qual o tipo de leitura e escrita que os pais fazem? Estas foram as perguntas orientadoras da pesquisa. Para responder a estas perguntas, foi realizada uma pesquisa de campo com 20 famílias, sendo 10 famílias de cada escola. Os dados foram coletados através de entrevistas e observações. Os resultados da pesquisa foram analisados e os dados foram apresentados em forma de gráficos e tabelas. Os resultados da pesquisa foram analisados e os dados foram apresentados em forma de gráficos e tabelas.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito... não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas Graças a Deus, não somos o que éramos.”

(KING, 1986)

RESUMO

Apresenta um estudo realizado em duas escolas do município de Fortaleza que trabalham diretamente com o público infantil, desenvolvida para averiguar o real comprometimento da escola com as políticas de leitura e escrita na formação de novos leitores. A escola é apontada como mediadora da leitura, pois segundo especialistas em educação, o prazer da leitura deve ser desenvolvido dentro da mesma em parceria com pais e comunidade durante as séries iniciais, ainda na infância, pois quanto mais cedo começar o desenvolvimento da leitura, mais o intelecto desenvolve-se. Mas que tipo de leitor a escola realmente está formando hoje? Porque a maioria dos jovens hoje não gostam de ler? Será que o gosto pela leitura depende da forma com que ela é introduzida em nossas vidas? Como a escola participa desse processo de aquisição e gosto pela leitura? A biblioteca escolar está inserida dentro deste contexto? Estas foram as principais questões levantadas que incentivaram a procura nas duas escolas em questão. A orientação metodológica voltou-se para a escolha de métodos e técnicas privilegiando a obtenção de dados descritivos de natureza qualitativa que permitiu uma análise centrada na descrição do observado e na interpretação das entrevistas concedidas por funcionários, pais e educadores. Os resultados obtidos apontam o quanto, ainda, precisa ser feito para que realmente a escola possa cumprir seu papel esperado.

Palavras chaves: Leitura; Escola e leitura; Gosto pela leitura.

ABSTRACT

It presents a study of two schools of the city of Fortaleza who work directly with the public child, developed to ascertain the real commitment of the school with the policies of reading and writing in the formation of new readers. The school is appointed as a mediator of reading, because according to experts in education, the pleasure of reading must be developed within the same in partnership with parents and community during the original series, even in childhood, because the sooner start the development of reading, most developing the intellect itself. But what kind of player the school really is forming today? Because most young people today do not like to read? Does the taste for reading depends on the manner with which it is introduced into our lives? As part of that process the school to purchase and taste for reading? The library school is embedded within this contest? These were the main issues raised encouraged that the demand in the two schools in question. The methodological guidance turned to the choice of methods and techniques favoring the taking of data descriptive of a qualitative nature that allowed an analysis centered on the description of the observed and in the interpretation of interviews given by officials, parents and educators. The results indicate how much, still, needs to be done so that the school can really fulfill its role expected.

Keywords: Reading; School and reading, I like the reading

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 SOBRE A LEITURA	12
2.1 As histórias infantis como forma de conhecer o mundo	14
2.2 As origens da literatura infantil	16
3 A ESCOLA COMO AGENTE SOCIALIZADOR	18
3.1 A Educação Infantil e os primeiros anos na escola	20
3.2 As competências Informacionais	24
4 A ESCOLA, A BIBLIOTECA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	26
4.1 Sobre a biblioteca escolar	27
4.2 A biblioteca e a Educação infantil	29
5 SOBRE A PESQUISA	31
5.1 Sobre os dois colégios	32
5.2 Sobre a coleta de dados	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

A leitura e os livros têm hoje um novo significado, Pois não basta alguém completar a educação escolar. Com o progresso da ciência e das novas tecnologias, que se processam num ritmo cada vez mais rápido, a instrução que temos hoje é insuficiente para o amanhã, é preciso sempre estar se atualizando. Diante desta realidade nos deparamos com um grave problema: a falta de preparo por parte dos jovens. Inúmeras pesquisas divulgadas nas mídias vêm demonstrando esse problema, são muitos os jovens que não gostam de estudar, principalmente de ler. Vários levantamentos sobre o tema educação apontam que ainda se lê muito pouco em nosso país, resultando em inúmeras pessoas despreparadas para o mercado de trabalho, ou seja, mão de obra desqualificada. Mas por que isso acontece? Por que boa parte da população brasileira não gosta de ler? Será que o gosto pela leitura depende da forma que ela é introduzida em nossas vidas? Como despertar o prazer pela leitura? Como a escola participa desse processo de aquisição e o desenvolvimento da leitura?

A partir destes questionamentos, surgiu o interesse pelo tema e a oportunidade de averiguar o comprometimento da escola com as políticas de leitura e escrita na formação de novos leitores. A escola é apontada aqui como um meio socializador capaz de mediar o desenvolvimento social e cultural da criança, pois segundo alguns teóricos como Vygotsky (1987) e Maria José Nóbrega (2004), a escola é um dos primeiro encontro da criança com o mundo, pois é onde ela vai aprender a se socializar e a desenvolver seu intelecto.

A educação é um diálogo constante em que a criança aprende a construir conceitualmente o mundo, atribuindo, gradativamente, significado aos fenômenos, com a intervenção do adulto – quando necessária. “A importância da leitura no processo educativo é inquestionável. Essa certeza une pais e professores na convicção que ler é bom e, portanto, a criança deve aprender a gostar de ler”.(CARVALHO, 2002, P.21).

Sendo assim, escolhi duas escolas no município de Fortaleza, ambas trabalham com a Educação Infantil. Uma é o Colégio Santo Tomás de Aquino, localizado no Bairro de Fátima e a outra é o Colégio Inácio Costa, localizado no Bairro Presidente Kennedy. Analisei duas turmas de cada colégio, a Alfabetização e a 1ª Série do Ensino Fundamental I.

Como estratégia metodológica, optei por métodos e técnicas que me privilegiassem a obtenção de dados descritivos e de natureza qualitativa. Descritiva porque o foco essencial do estudo residiu no desejo de conhecer como a leitura é trabalhada e quais os recursos de que a escola disponibiliza para os alunos da Educação Infantil, através de fatos colhidos da própria realidade escolar. Qualitativa porque supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Como base teórica apoie-me principalmente em Vigotski e Bernadete Campelo.

A coleta de dados se processou através da observação e da entrevista formal e informal com alguns pais, professores e orientadores da Educação Infantil dos colégios citados acima. Foram entrevistados: oito pais, seis professores; sendo três de cada escola, uma coordenadora, uma psicóloga e duas assistentes de sala, além da diretora do Colégio Inácio Costa.

Esta pesquisa não trata de uma proposta de amostragem, o único intuito é o de investigar os fatos já mencionados. Portanto não se pretende aqui propor um nível de generalização muito abrangente, mas um estudo dos dados levantados, através do qual esperamos ter contribuído de alguma forma para a continuidade de estudos relacionados a essas áreas da educação.

Visando, então, uma organização que facilitasse a compreensão da pesquisa, estruturei meu trabalho da seguinte forma:

No segundo capítulo, abordo a importância da leitura, que há algum tempo, foi considerado simplesmente, um meio de receber uma determinada mensagem, mas que hoje é considerada um processo mental de vários níveis que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.

No terceiro capítulo, refiro-me a forma da escola trabalhar como agente sócio-cultural, pois a entrada da criança na escola vai proporcionar uma grande aprendizagem. Além de ter um espaço e liberdade para brincar, ela vai começar a aprender a conviver com outras crianças, experimentar o dar e o receber dos relacionamentos sociais, poder explorar bem o

ambiente em volta e, a partir da convivência com os adultos, desenvolver o processo de aquisição da linguagem e da escrita.

No quarto capítulo, faço uma ponte entre a leitura, a escola e a educação infantil, mostrando a biblioteca como um dos diversos recursos pedagógico que a instituição de ensino deve disponibilizar a seus alunos, e que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a escola deve criar oportunidades de práticas constantes e sistemáticas de leitura.

No quinto capítulo, revelo todo o processo da pesquisa, fazendo uma reflexão sobre as minhas observações e os dados coletados.

Por fim, a bibliografia consultada que está respaldada, principalmente em Vygotsky, mas não pude deixar de consultar estudiosos como Bernadete Campello e Ezequiel T. da Silva, entre outros, cujas leituras foram de vital importância.

2. SOBRE A LEITURA

“ ‘Ler é melhor do que estudar’ – esta frase de Ziraldo já famosa virou botton e é uma opinião quase unânime e compartilhada pela população letrada e pertencente às elites intelectuais brasileira, professores do ensino fundamental, médio e universitário, jornalistas e comunicadores de mídia. No entanto, a maior parcela da nossa população, embora hoje possa estudar, não chega a ler. A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva a formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes, ler continua sendo coisa de elite, no início do novo milênio”.

(ROJO, 2000, p.13)

É no encontro de diversas formas de leituras que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a leitura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias, considerando-se, assim, a capacidade de ler essencial à realização humana. Fica cada vez mais evidente que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem à informação e aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

A leitura e os livros têm hoje um novo significado e já não basta à pessoa completar sua educação escolar. Com o progresso da ciência e das tecnologias, que se processa num ritmo cada vez mais rápido, a instrução que temos hoje será insuficiente amanhã. Com a globalização, o mercado tornou-se mais exigente para a seleção de profissionais e se, em algum tempo, a leitura foi considerada simplesmente um meio de receber uma mensagem importante, hoje, porém, ela é considerada um processo mental de vários níveis que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.

“A leitura não tem como finalidade a memorização, mas a compreensão e a crítica, única forma do sujeito construir seu próprio texto, ampliar seus horizontes e dos outros com os quais compartilhará suas descobertas. A compreensão não é um processo puramente racional, mas depende de um envolvimento emocional do leitor com o conteúdo transmitido pelo autor. É a compreensão que propicia as interpretações”.

(SILVA, 1982)

O autor em questão nos mostra que, a leitura é uma das formas mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, pois ela favorece a remoção das barreiras educacionais, concedendo oportunidades mais justas de educação, através do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual. No entanto ele nos alerta para o tipo de leitura que vem sendo praticada, que é a leitura mecânica, onde simplesmente se lê tal qual o texto, sem fazer nenhuma interpretação crítica.

“O ato de ler não é a simples decodificação de sinais questão do analfabetismo funcional que o país enfrenta na atualidade. Para ler é necessário apreensão, apropriação e transformação dos significados a partir do texto.”

(SILVA, 1982)

A compreensão do ato de ler deve ir além do da decodificação de signos, é necessário que se busque o prazer pela leitura, dessa maneira poderemos ter uma compreensão mais clara do que realmente esta sendo abordado, para que depois então, possamos concordar ou discordar. Só assim estaremos desenvolvendo nosso senso crítico.

Os livros desempenham um papel importante nesse processo de educação e pela primeira vez na história, a leitura deixa de ser privilégio de uma pequena parcela de nossa sociedade e torna-se indispensável ao desenvolvimento humano.

“Quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e o da escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição”.

(SOARES, 2001, p.36)

Segundo Soares (2001), a capacidade de observar melhor tudo o que nos cerca é proporcionada através do ato da leitura. A criança que tem em seus pais, desde a mais tenra idade, o referencial desse prazer em desenvolver a intelectualidade, de abrir a mente, de conseguir observar o mundo através de uma visão mais alargada, será certamente um outro adulto, um individuo muito melhor, com uma visão da vida de uma forma bastante diferenciada, proporcionando a ele ver o que os outros não vêem.

É impressionante como a leitura tem poder, pois nos transporta através de mundos e nos resgata da obsolescência. Aquele que lê é diferente dos demais, enxerga o mundo por um outro prisma, julga ser possível que as coisas mudem através do poder da palavra e da valorização das atitudes corretas. A leitura no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação, sem contar nos conhecimentos que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos como a literatura policial, a literatura infantil ou infanto-juvenil, a literatura fantástica, a literatura clássica, além dos artigos políticos, econômicos, sociais e culturais encontrados nos jornais e em outros veículos de informação impressa. “Portanto, é de suma importância desenvolver em nós uma ‘cultura de leitura’, pois só assim seremos aprendizes e formadores de opinião em todo ambiente social e democrático que estivermos”.(MARTINS, 1982, p.31)

2.1 As Histórias Infantis como forma de conhecer o mundo

“Observamos que a criança interage com a narrativa desde o nascimento, inicialmente escutando, e depois constituindo seu próprio discurso narrativo oral”.

(CARDOSO, 2000, p.19)

Falar, conversar e escutar histórias são alguns dos sistemas simbólicos instituídos pela sociedade para a comunicação e expressão. Estes acabam sendo aprendidos pelas crianças, em sua diversidade cultural. Por isso, o contato delas com os livros e as histórias é essencial, daí a relevância de pais e educadores lerem e contarem histórias para as crianças.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade.

“Os contos de fadas e histórias em geral são introduzidos desde que as crianças entram na pré escola e, como acontece também com as crianças ouvintes as histórias são contadas várias vezes, até que, valendo-se das perguntas do adulto, em um primeiro momento, as crianças comecem a relatá-las. Nota-se que depois de algum tempo, as crianças se apropriam do papel de “leitores”, olhando as letras e “lendo” as figuras para os colegas de classe.” (PERRONI, 1993)

Por isso é importante que a escola esteja realmente comprometida com uma política de leitura séria e que esteja atenta aos interesses desse público tão especial, pois vai depender justamente dessa introdução o interesse ou não pela leitura, o prazer de ler e de ouvir histórias.

Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo sem muita importância. A criança era considerada mera consumidora do mundo criado pelo adulto. Neste sentido podemos dizer que não havia um tipo de literatura voltada para seus interesses. A valorização da Literatura Infantil como formadora de consciência na vida cultural das sociedades é bem recente. Para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões de nosso tempo e problemas universais, inerentes ao ser humano.

Os primeiros livros para crianças surgiram somente no final do século XVII escritos por professores e pedagogos. Estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados uma forma literária menor. A produção para a infância surgiu com o objetivo de ensinar valores (caráter didático), ajudar a enfrentar a realidade social e propiciar a adoção de hábitos. Infelizmente, ainda podemos encontrar esses objetivos na produção infantil contemporânea.

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios

de seu desenvolvimento – da infância à adolescência – e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases evolutivas da inteligência, ou estruturas mentais, é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.

A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar “hábito” da leitura. Este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. É preciso ensinar a gostar, a ter prazer só assim poderemos cativar esse público tão exigente e importante.

2.2 As Origens da Literatura Infantil

“O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Não há povo que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas, pois são as expressões de sua cultura que devem ser preservadas”.(OLIVEIRA, 2005)

A Literatura Infantil hoje conhecida como "clássica" tem suas origens na Índia. Descobriu-se que, desde essa época, a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, quanto ameaçar, construir ou destruir. São também de caráter mágico ou fantasioso as narrativas conhecidas hoje como literatura primordial. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos a.C. e se difundiram por todo o mundo, através da tradição oral.

Oliveira (2005) conta que, a Literatura Infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. Seu aparecimento tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo *status* concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento seu. É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com

necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros brasileiros a se preocuparem com a Literatura Infantil no Brasil, que foi esporádica até a década de 70, constituindo-se basicamente de tradução de clássicos e de algumas coleções estrangeiras de grande apelo comercial. Foi em 1921 que o nosso grande Monteiro Lobato estreou com *Narizinho Arrebitado*, apresentando ao mundo a boneca Emília, a mais moderna, encantadora e espevitada. Entretanto, somente após a década de 70, houve um grande desenvolvimento dessa literatura, devido à entrada de grandes editoras no mercado.

3. A ESCOLA COMO AGENTE SOCIALIZADOR

Lev S. Vygotsky (1989) construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para ele, o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações interpessoais. A sociabilidade da criança é o ponto de partida dessas interações sociais com o meio que as rodeias.

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva, elas constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. “O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (VYGOTSKY, 1989, p. 112). A interação social e o instrumento lingüístico acabam sendo decisivos nesse processo.

Existem pelo menos dois níveis de desenvolvimento identificado por Vygotsky: um real, já adquirido ou formado, que determina que a criança já seja capaz de aprender por si própria, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outras pessoas. Segundo ele, a aprendizagem se dá em colaboração com outras crianças e os adultos. Em face desse entendimento, temos que nos perguntar que tipo de ambiente é mais adequado a gerar aprendizagens e favorecer o desenvolvimento da criança.

É na pré-escola que a criança vai ter contato pela primeira vez com algo, até então para ela completamente desconhecido. O que, no começo, poderia significar uma ruptura com o mundo conhecido e se tornar muito assustador tanto para a criança quanto para seus pais, acabará se tornando a primeira etapa no processo de construção da identidade individual de cada um. É natural que uma situação nova suscite medo, ansiedade e insegurança, mas vencer esses obstáculos iniciais também já é uma grande experiência. Por isso é importante que os

educadores e responsáveis pela recepção desta estejam preparados para lidar com essas situações.

A entrada da criança na escola vai proporcionar uma grande aprendizagem. Além de ter um espaço e liberdade para brincar, ela vai começar a aprender a conviver com outras crianças, vai experimentar o dar e o receber dos relacionamentos sociais, vai poder explorar bem o ambiente em volta e, a partir da convivência com os adultos, vai desenvolver o processo de aquisição da linguagem e da escrita.

Martins (1982) afirma que, “se a escola oferece um programa de incentivo a leitura acabará transformando boa parte dos alunos em bons leitores”. Compartilhando desta opinião, posso dizer que, é necessário que as escolas ofereçam certas condições, como a formação docente, que é de vital importância para o correto desenvolvimento das atividades infantis, principalmente na primeira infância. A interação com os adultos tem que ser muito estimulante, pois são eles os portadores de todas as mensagens da cultura. O papel dos adultos enquanto representantes nesse tipo de interação nos leva a descrever um novo tipo de interação determinante na teoria de Vygotsky. (1987)

Segundo ele, a aprendizagem é produto da ação dos adultos que fazem mediação no processo de aprendizagem das crianças, portanto, o desenvolvimento dos aspectos cognitivos superiores é resultado de uma atividade mediada, ou seja, o professor é o mediador da aprendizagem do aluno, facilitando o domínio e a apropriação dos diferentes instrumentos culturais. Contudo a ação docente somente terá sentido se for realizada no plano da Zona de Desenvolvimento Proximal. Isto é, o professor constitui-se na pessoa mais competente que precisa ajudar o aluno na resolução de problemas que estão fora do seu alcance, desenvolvendo estratégias para que pouco a pouco possa resolvê-los de modo independente.

É preciso que a escola e seus educadores atentem para o fato de que, a escola, não têm como função ensinar aquilo que o aluno pode aprender por si mesmo, mas sim, potencializar o processo de aprendizagem do estudante. Na concepção tradicional de ensino, a função inicial da leitura tem por base as habilidades dos alunos para reconhecimento das palavras.

“Por isso, a escola enfatizou especialmente o ensino da decodificação, e não compreensão, já que o primeiro conduzia automaticamente à segunda, ou seja, a leitura das palavras asseguraria a compreensão do texto.”

(SCOZ, 1994, p. 51)

Segundo Scoz (1994), uma das conseqüências dessa visão é o mau aproveitamento da fase da alfabetização em que ocorre a conquista alfabética. “É comum a criança abandonar a atribuição do significado a decodificar o símbolo escrito”

Podemos concluir, assim, que as possibilidades intelectuais e os modos de pensar próprios de um indivíduo não são pré-determinados por fatores inatos, mas constituem o produto das instituições sócio-culturais nas quais o indivíduo se desenvolve. Vygotsky enfatiza ainda o meio como determinante no aprendizado, ou seja, um conhecimento só tem sentido se tiver um significado cultural, isto é, as interações entre os alunos e destes com o educador, colocando a escola e o educador como mediadores, são os que conduzem o aprendizado.

3.1 A Educação Infantil e os primeiros anos na Escola

Creche, Sala de Asilo, Jardim da Infância, Pré-Primário, Pré-Escola e Educação Infantil foram alguns nomes dados, ao longo da história, a instituições de educação para crianças pequenas. O nome e a concepção norteadora da prática educacional mantêm relação direta com a concepção de infância vigente na época e com a classe social a qual se destinava a instituição.

Foi entre os séculos XVIII e XIX que apareceram as primeiras instituições destinadas a cuidar de crianças pequenas, escolas de tricotar fundadas por Padre Oberlin. “A creche, palavra de origem francesa que significa ‘manjedoura’, foi criada para educar, guardar e abrigar crianças pequenas cujas mães necessitavam de assistência. Significava uma ajuda na escolarização, uma escola de higiene, moral e virtudes sociais”.(Abramowicz, 1999). Durante muito tempo, as creches de todo mundo, incluindo as brasileiras, organizaram seu espaço e

sua rotina em função das idéias do que significava educar tais crianças. A assistência, a custódia e a higiene sempre constituíram o centro do processo educativo.

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica e sua expansão ocorreu nas últimas décadas devido a vários fatores, entre eles, a entrada da mulher no mercado de trabalho. Foi a partir de 1988 que a Constituição, pela primeira vez na história do Brasil, incorporou a Educação Infantil como um dever do Estado e definiu como direito o atendimento e assistência às crianças de zero a seis anos, com uma educação voltada aos seus interesses. Entretanto foram muitas as ampliações, ocorridas durante os anos seguintes, a respeito das suas funções.

Atualmente, cunhou-se a expressão Educação Infantil, a partir dos dispositivos da Constituição de 1988 e, mais recentemente, da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Lei 9.394/96), para designar todas as instituições de atendimento a crianças de zero a seis anos.

É justamente na Educação Infantil que a criança vai entrar em contato, pela primeira vez, com um mundo até então para ela completamente desconhecido. E é essa experiência, segundo Vygotsky, que vai proporcionar um grande aprendizado. Além de ter um espaço e liberdade para brincar, a criança vai começar a aprender a conviver com outras crianças, vai experimentar o dar e o receber dos relacionamentos sociais, vai poder explorar bem o ambiente em volta e, a partir da convivência com os adultos, vai desenvolver o processo de aquisição da linguagem e da escrita.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é um documento que foi elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC e que contém orientações e diretrizes muito importantes para educadores que trabalham com crianças de zero a seis anos. Incorporando modernas teorias pedagógicas, o documento aponta formas de construção da identidade e da autonomia das crianças pequenas, de sua aproximação com as diferentes linguagens e principalmente reconhecendo o “brincar” como uma forma particular de expressão da criança.

Uma das situações que se apresentam como importantes para a análise do processo de constituição do sujeito é a brincadeira infantil. Rompendo com a visão tradicional de que a brincadeira é uma atividade natural e de satisfação de instinto infantil, Vygotsky (1998) apresenta o brincar como atividade sócio-construtivista.

Brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa. A brincadeira é um espaço educativo fundamental da infância. Ao contrário do que se acredita, nenhuma criança nasce sabendo brincar, os bebês aprendem a brincar com seus semelhantes, adultos ou crianças mais velhas. Os movimentos e as sensações de movimento são os primeiros divertimentos que os adultos oferecem às crianças.

Ensinar a brincar, segundo Anete Abramowicz (1999) é ensinar o faz de conta, é ensinar à criança a atribuir diferentes sentidos para suas ações. A criança aprende a brincar assim como aprende a se comunicar e a expressar seus desejos e vontades. Os adultos e as crianças mais velhas têm papel importante nessa aprendizagem. A brincadeira é uma atividade social. Depende de regras de convivência e de regras imaginárias que são discutidas e negociadas incessantemente entre as crianças que brincam, é uma atividade imaginativa e interpretativa.

Nas creches e nas séries iniciais, a brincadeira é educação por excelência. No ato de brincar ocorrem trocas, as crianças convivem com suas diferenças, dá-se o desenvolvimento da imaginação, da linguagem, do controle dos sentimentos, da iniciativa e da decisão. A brincadeira fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, criando um novo tipo de atitude em relação ao real. Nela aparecem as ações na esfera imaginativa, numa situação de faz-de-conta, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e das motivações volitivas, constituindo-se, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que

presenciam e, por meio das brincadeiras explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. “O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (VYGOTSKY, 1989, p. 112).

Outro princípio citado pelo Referencial é a necessidade da criação de oportunidades para o acesso das crianças aos bens culturais, ampliando o desenvolvimento de suas capacidades estéticas de pensamento, de expressão, de comunicação e interpretação social.

Segundo Maria Eugenia Albino Andrade (2002), a aprendizagem das competências lingüísticas básicas – falar, escutar, ler e escrever – é feita com base no texto. É fundamental que sejam dadas à criança oportunidades de ter contatos com a diversidade textual, com gêneros, devendo os textos ser apresentados nos seus portadores originais, os livros. Isso permitirá que, desde o início da sua escolarização, a criança perceba a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias. Os textos literários terão, desta forma, um lugar especial nas atividades com linguagem.

A leitura e a contação de histórias, permeiam todo o processo de escolarização desde os primeiros anos, mesmo antes das crianças dominarem o código lingüístico, quando se busca construir uma atitude curiosa pelo livro e de prazer pela leitura. Isso se consegue com a utilização de textos bem selecionados, criativos e com ilustração de qualidade. A aprendizagem tem início a partir do momento em que as crianças entram em contato com o mundo letrado, que começa ainda no Maternal, na Pré-Escola e continua nas séries que se seguirão, sempre num processo dinâmico e contínuo.

Por isso, as instituições que recebem crianças exclusivamente nessa faixa etária devem planejar programas específicos voltados aos interesses desse público. O contato

precoce com esses recursos de aprendizagem vai certamente constituir vantagens para o aluno que deles se beneficiem.

2.2 As Competências Informacionais

As correntes construtivistas, segundo as quais os alunos aprendem a partir de suas próprias experiências e construindo eles próprios seu conhecimento, privilegiam a aprendizagem baseada no questionamento e utilizam estratégias didáticas adequadas à preparação para a vida na chamada sociedade da informação.

Com o progresso da ciência e das tecnologias, que está se processando num ritmo cada vez mais rápido, a instrução que temos hoje será insuficiente para o amanhã. A sociedade vai exigir que o indivíduo desenvolva habilidades específicas para lidar com a informação. Esse conjunto de habilidades está sendo chamado de “Competência Informacional”.

Essa Competência Informacional exige um ensino no qual o professor não é o transmissor de conhecimento, e sim o orientador que capta os interesses dos alunos, estimula seus questionamentos e guia na busca de soluções, criando oportunidades para os alunos lidarem com as várias novas tecnologias, tais como CD-ROMs, recursos audiovisuais e eletrônicos, bem como a Internet.

Muitos educadores já estão comprometidos com a implantação de programas destinados a desenvolver nos alunos, desde as séries iniciais, essas competências informacionais e, segundo Bernadete Campello (2002), a classe bibliotecária, em especial, tem procurado mostrar seu papel da biblioteca escolar neste contexto, a escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora do conhecimento que, provavelmente, estará defasado antes mesmo de que o aluno termine sua educação formal. “A escola tem que promover oportunidades de aprendizagem que dêem ao estudante condições de aprender a aprender, permitindo-se educar durante toda vida”. (CAMPELLO, 2002: p. 11).

Ela ainda nos diz que a educação é uma tarefa bastante complexa que exige que todos os recursos e conhecimentos sejam mobilizados. Conhecimentos estes que proporcionarão aos alunos o desenvolvimento de suas habilidades informacionais. E é justamente por esse motivo que a biblioteca tem que assumir seu papel pedagógico de forma ativa e criativa. O que quer dizer que a biblioteca tem que ser um instrumento “vivo” dentro da escola.

“A escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, um espaço livre para expressão genuína da criança e do jovem”.

(CARVALHO, 2002, p.23).

Uma biblioteca que conta com um programa de atividades bem planejadas e integradas aos demais projetos curriculares da instituição se tornará um lugar agradável e muito utilizado, não só pelos alunos, mas também por professores e funcionários. A biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso de informação. Ao se reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca acaba aproximando o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia.

4. A ESCOLA, A BIBLIOTECA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

“Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo de longe. É necessário que a criança e o professor pegue e manipule o ingrediente (livro), leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto pela leitura e verificar se esta atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida”.

(SILVA, 1982)

Há tempos, considera-se a capacidade de ler essencial à realização humana. Já se foi a época em que a leitura era considerada simplesmente um meio de receber uma determinada mensagem. Nos tempos atuais, fica cada vez mais evidente que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

É na escola que a maioria das pessoas tem contato pela primeira vez com o mundo da escrita e da leitura, geralmente ainda na infância. É justamente lá que as crianças começam a aprender valores sociais, culturais, entre eles o gosto pela leitura, e passam a depender profundamente desta para desenvolvê-los, pois, antes de se tornar um leitor, o estudante é aluno da instituição de ensino. A falta de uma política de leitura, por parte da instituição, faz com que os alunos não só percam o interesse pela leitura, mas também apresentem dificuldades de raciocínio e de interpretação de texto.

A leitura deve começar dentro de casa e ser desenvolvida dentro da escola. Todas as pessoas envolvidas nesse processo têm que estarem convencidos da importância da leitura e dos livros para o desenvolvimento social e psicológico dessas crianças. A educação proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) exige que a escola crie oportunidades para que as crianças e jovens desenvolvam sua aprendizagem com base na diversidade textual que circula na sociedade. Os PCN reconhecem que é fundamental o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, que forme leitores competentes e não leitores que leiam apenas eventualmente. Reconhecem ainda a Biblioteca como um lugar de aprendizagem permanente, um “estoque de informações”, que deve ser utilizado como um espaço coletivo e de influência

ao gosto da leitura, devendo sua coleção ser formada em função dos interesses de todos os alunos, inclusive os da Educação Infantil.

4.1 Sobre a Biblioteca escolar

Segundo Bernadete Campello (2002), a educação é uma tarefa bastante complexa que exige que todos os recursos e conhecimentos sejam mobilizados. A biblioteca tem que assumir seu papel pedagógico de forma ativa e criativa se tornando um “instrumento vivo” dentro da escola.

A biblioteca, mais do que um espaço cheio de livros e periódicos é sem dúvida o local mais adequado para desenvolver práticas de leitura. Contudo, tanto as escolas quanto os programas do Governo de incentivo a leitura não têm conseguido transformar as crianças em bons leitores. Muitas são as instituições de ensino que ainda resistem à idéia de ter uma biblioteca organizada e atualizada, por significar isto um “gasto desnecessário”. Sem falar que, ainda hoje, ela é muito utilizada como local de “punição”. O aluno, que, por algum motivo, cometeu uma indisciplina, é levado à biblioteca a fim de cumprir seu “castigo”.

Maria da Conceição Carvalho (2002), conta que um número significativo de pesquisas tem revelado o equívoco das políticas e das atividades de promoção de leitura. Ela conta que não há, por parte dos envolvidos, a preocupação do que se lê, o importante é criar o “hábito” da leitura a qualquer custo, seja por meio de fichas de leitura ou “técnicas de animação”. Estas práticas, entretanto, não proporcionam a criação de um vínculo das crianças com a leitura, a qual futuramente não terá significado algum em suas vidas. E é realmente isso que pode ser observado em inúmeras pesquisas realizadas sobre a educação em todo país. São muitos os alunos que, além de não gostarem de ler, sentem muitas dificuldades de raciocínio e de interpretação de texto.

Maria José Nóbrega (2004), que participou, durante a 6º Bienal Internacional do Livro do Ceará, do lançamento do Relatório sobre Letramento da UNESCO – trata-se de um programa internacional de avaliação de estudantes, que avalia os estudantes em idades até 15

anos, que estão terminando a escola básica, para medir seus conhecimentos de leitura e aprendizagem. O Brasil ficou em último lugar. – em uma entrevista concedida ao jornal Diário do Nordeste, fala da importância da leitura e do papel que a escola tem em relação ao desenvolvimento do leitor e comenta o desempenho do Brasil nesse programa.

Ela nos conta que os alunos acabam insistindo naquelas estratégias de copiar igual ao texto, o que acaba distanciando-os do desenvolvimento de um senso crítico, pois, ao invés de estabelecer relações com o texto e deduzir por raciocínio, isto é, compreender aquilo que não está escrito, mas sugerido, os alunos se acostumam a copiar somente o que está explícito. Ainda segundo ela, é na escola que se aprende a ter o primeiro contato com o mundo da leitura e se começa a formar os leitores críticos. Porém, para isso, é necessário que se ofereça toda uma estrutura, bons programas de incentivo à leitura, boas ferramentas e pessoas qualificadas. Isso inclui uma boa biblioteca, ou pelo menos, uma que disponha de um acervo atual e que seja de fácil acesso. A biblioteca escolar pode sim ser o local onde se forma o leitor crítico, que vá até lá, não só porque o professor pediu que fosse feita uma “pesquisa”, mas por vontade própria, para buscar novas leituras, investigar um assunto que lhe tenha chamado atenção etc.

“Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este, por sua vez, herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquiro*, que significava procurar, buscar com cuidado, aprofundar na busca. O particípio passado desse verbo era *perquisitum*. Por alguma lei da que conhecemos fonética histórica, o primeiro *R* se transformou em *S* na passagem do latim para o espanhol, resultando no verbo *pesquisar* hoje. Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na idéia de uma busca feita com cuidado e profundidade, portanto, nada a ver com os trabalhos superficiais, feitos só para dar nota”. (BAGNO, 2000, p. 17)

Bagno (2000), mostra-se indignado com a orientação que é dada às pesquisas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Não há, na opinião dele, uma orientação séria a respeito disso. O professor pede que os alunos façam uma pesquisa na biblioteca sobre determinado assunto e marca uma data para receber. O que se vê é um “batalhão” de alunos que vão até a biblioteca, copiam o que encontram e depois entregam para o professor dar nota, ou seja, a “pesquisa” termina virando uma cópia.

Os bibliotecários observam que os alunos se mostram confusos quando chegam à biblioteca, ficando evidente que eles não estão satisfeitos.

Milanesi (1983), também aponta a forma com que a pesquisa escolar é trabalhada como sendo um “grande vilão” para a educação. “A escola Brasileira, com algumas variações, funcionou e ainda funciona dentro de um esquema que leva o aluno à reprodução do discurso. Ao professor cabe preparar a aula. Ele lê. O quanto lê depende do professor e das circunstâncias”.(MILANESI, 1983, p.39).

“Fileiras de estantes cheias de livros, revistas em mostruários, mesas e cadeiras espalhadas e repletas de pessoas lendo e estudando, crianças debruçadas sobre volumes de enciclopédias, fazendo suas pesquisas. Esta ainda é e continuara sendo por um bom tempo a face visível de uma biblioteca”.

(CALDEIRAS, 2002, p.47)

Como Caldeira afirma acima, esta é a realidade de muitas bibliotecas escolares, as obras realmente consultadas são as enciclopédias, pois é justamente onde a resposta está mais explícita. A maioria só faz copiar sem realmente “entender” determinado assunto.

Outro fator também relacionado com a pesquisa escolar é que, com o aparecimento dos recursos tecnológicos, principalmente a Internet, os alunos continuam copiando trechos dos textos que encontram na rede. Alguns copiam páginas inteiras sem sequer as ler. Pensando assim, Maria da Conceição Carvalho, conta que é preciso reconhecer que a pesquisa escolar é um processo complexo que exige do aluno habilidades que precisam estar bem desenvolvidas, o que quer dizer que o aluno deve estar bem familiarizado com a biblioteca, com a localização do material ali disponível. É fundamental que o aluno, o professor e o bibliotecário compreendam que a concretização da pesquisa escolar ocorre por etapas e com a ajuda e a supervisão de um orientador e, dependendo da orientação dada ao estudante, não só o aluno irá alcançar resultados positivos, como a escola vai estar realmente investindo no aprendizado deste.

4.2 A Biblioteca e a Educação Infantil

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é um documento que foi elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC e contém orientações e diretrizes muito importantes para educadores que trabalham com crianças de zero a seis anos. Incorporando modernas teorias pedagógicas, o documento aponta formas de construção da identidade e da autonomia das crianças pequenas, de sua aproximação das diferentes linguagens, reconhecendo principalmente o “brincar” como uma forma particular de expressão da criança.

Nessa perspectiva, o brincar consiste em atividade de crucial importância para o desenvolvimento humano, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Mesmo em crianças muito pequenas é possível observar essa subordinação do objeto em si ao novo significado que lhe é atribuído, o que expressa o caráter ativo da criança no curso do seu próprio desenvolvimento.

Outro princípio citado pelo Referencial é a necessidade da criação de oportunidades para o acesso das crianças aos bens culturais. Podemos entender isso como o acesso das crianças aos diversos meios de se aceder à cultura, incluindo-se entre eles a leitura e a escrita. O que significa dizer que a Biblioteca é o lugar ideal para desempenhar esse papel.

5. SOBRE A PESQUISA

“Fazer Ciência é fascinante porque trabalha-se com a pureza que é a verdade. Com ela, pode-se descobrir coisas maravilhosas, cujo beneficiário é o próprio homem.”

(OLIVEIRA, 2002)

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar como as escolas trabalham como mediadoras da leitura na Educação Infantil, quais as ferramentas mais utilizadas nesse processo e se a biblioteca escolar está inserida neste contexto. Além disso, gostaria de saber se as crianças da Educação Infantil interagem com esses métodos. Pois, segundo Oliveira (1994), baseada nas concepções de Vigotsky, a criança desenvolve seus conhecimentos através da sua interação com o meio, até mesmo no fato de compreender e aceitar as regras de um jogo ou de uma determinada atividade.

Para a realização desta pesquisa, foram escolhidas duas escolas no município de Fortaleza, que trabalham com a Educação Infantil, o Colégio Santo Tomás de Aquino, localizado no Bairro de Fátima, e o Colégio Inácio Costa, localizado no Bairro Presidente Kennedy.

A orientação metodológica voltou-se para a escolha de métodos e técnicas que privilegiassem a obtenção de dados descritivos e de natureza qualitativa. Descritiva porque o foco essencial do estudo residiu no desejo de conhecer como a leitura é trabalhada e quais os recursos que a escola disponibiliza para os alunos da Educação Infantil e de analisar fatos colhidos da própria realidade escolar. Qualitativa porque supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

A coleta de dados se processou através de entrevistas e formais e informais com alguns pais, professores e orientadores da Educação Infantil dos colégios citados acima e da observação do dia-a-dia dessas instituições. Foram entrevistados: oito pais, seis professores – sendo três de cada escola – uma coordenadora, uma psicóloga e duas assistentes de salas, além da diretora do Colégio Inácio Costa.

Esta pesquisa não se trata de uma proposta de amostragem. O seu único intuito é investigar os fatos já mencionados. Portanto, não se pretende aqui propor um nível de generalização muito abrangente, mas, principalmente, estudar os dados levantados e poder contribuir de alguma forma, para a continuidade de estudos relacionados a essa área da Educação.

4.1 Sobre os dois colégios.

O Colégio Santo Tomás de Aquino está situado no Bairro de Fátima, ao lado da Igreja de Fátima, na Avenida Treze de Maio. As séries vão desde o Pré-Jardim, da Educação Infantil, até o Terceiro Ano, do Ensino Médio. A Educação Infantil fica separada das demais séries – o prédio onde se localiza foi dividido em dois. O colégio funciona os dois turnos. A leitura, segundo a Direção, é prioridade desde os primeiros anos. O colégio dispõe de uma biblioteca grande, mas que é voltada principalmente para os interesses dos alunos do Fundamental I e II e do Ensino Médio. O que não significa dizer que a Educação Infantil está fora da política de leitura da escola. Primeiramente pensou-se em criar um espaço dentro da própria biblioteca para os alunos da Educação Infantil, mas, como o espaço que fica situado no primeiro andar do primeiro prédio não comportaria e haveria a necessidade de se alterar toda a estrutura da escola, decidiu-se criar um outro espaço voltado exclusivamente a esse público.

Existe uma sala pequena, mais aconchegante, com mesinhas e cadeirinhas coloridas, estantes pequenas e coloridas, com livros de contos, um baú com fantoches e bonecos e alguns brinquedos, que, segundo as professoras, as crianças adoram, e que é chamada por eles de: “a sala do faz de conta”, ou mesmo “biblioteca mirim”. Dentre as atividades relacionadas a leituras desenvolvidas pela Educação Infantil, está a contação de histórias, a criação de fantoches e bonecos, a apresentação de teatro no auditório da escola e o clube do livro que, em determinados dias da semana, faz com que cada aluno escolha um livro e o leve para casa para que, no dia seguinte, durante a aula de leitura, ele conte sua história e diga de que gostou e se valeu a pena lê-la.

O Colégio Inácio Costa, muito conhecido como o antigo “Branca de Neve” está localizado no Conjunto Presidente Kennedy, e atende desde o Maternal até a Oitava Série do Ensino Fundamental. A escola também é dividida em dois prédios, um só para Educação Infantil, que vai do Maternal até Alfabetização o outro para o Ensino Fundamental I e II.

O colégio não tem uma biblioteca, o que existe, na verdade, é um espaço no primeiro andar, com sete prateleiras, vários livros didáticos, duas enciclopédias do ano de 1985, além de alguns poucos livros paradidáticos. É este espaço que fica destinado para que os alunos façam pesquisas. A “biblioteca”, por não ter nenhum bibliotecário, nem um estagiário de biblioteconomia, permanece fechada na maior parte do tempo, sendo aberta somente quando um professor leva seus alunos até lá. A Diretora da Escola, Dona Mirtez, quando questionada sobre a situação, alegou falta de recursos financeiros e apontou a inadimplência e o aparecimento de dois novos colégios nas redondezas como principais responsáveis pela crise financeira pela qual a escola vem passando, a maior já enfrentada, segundo ela.

Mesmo sem recursos pedagógicos suficientes, a diretora diz que a leitura vem sendo trabalhada em parcerias com as demais disciplinas, o que, segundo ela, melhorou bastante o interesse pela leitura e conseqüentemente pelas outras disciplinas. A Educação Infantil trabalha a leitura dentro das próprias salas de aula, onde existem prateleiras coloridas com diversos livros de contos, e em um auditório onde é feita a apresentação de teatro e aonde os alunos vão para assistir vídeos.

5.2 As Primeiras observações e a coleta de dados.

Desde o início, procurei prestar bastante atenção ao ambiente e as situações em volta. Passei três manhãs em cada colégio. O que mais procurei observar foi como as professoras fazem as contações de histórias e como os alunos reagem e como a escola incentivar a metodologia das educadoras. Para ajudar nas minhas conclusões entrevistei alguns pais e alguns profissionais da educação infantil. Utilizei-me da entrevista formal e informal. Inicialmente procurei a Direção e a Coordenação para fazer algumas perguntas, sempre deixando bem claro que se tratava de um estudo puramente relacionado a uma

monografia. Tanto a Coordenação quanto professores e a psicóloga se mostraram bastantes atenciosos e participativos. Não encontrei nenhuma resistência. Alguns pais que apareceram enquanto estava conversando informalmente com os professores também responderam espontaneamente às minhas perguntas.

O próximo passo foi o de entrevistar as professoras do Ensino Infantil, uma da alfabetização e duas da 1ª série. Percebi que as três avaliam seus alunos como ótimas crianças. A professora da Alfabetização do colégio Santo Tomás de Aquino diz que, como as crianças são ainda muito pequenas, têm um pouco de dificuldades para seguir ordens, como permanecer em sala na hora das atividades, mas, mesmo assim, são muito afetuosas e tranquilas. Ela trabalha a leitura através da contação de histórias e de atividades com outros recursos, como o vídeo e o som e se mostra satisfeita com os resultados. As duas professoras da primeira série contam que em relação à leitura, a maioria das crianças tem um desempenho positivo, principalmente àquelas que têm acompanhamento em casa por parte dos pais. Como ferramentas de trabalho com a leitura, elas fazem dinâmicas de grupo e teatro. As crianças questionadas sobre o ambiente escolar e sobre a leitura demonstram satisfação e dizem que adoram ler.

Sobre a utilização da biblioteca, todas as professoras deram a mesma resposta, que a biblioteca está voltada apenas para o interesse dos alunos do Fundamental I e II e dos alunos do Ensino Médio, mas também disseram que, em consequência disto, foi criada uma salinha de leitura, exclusiva para elas. Com mesinhas coloridas, diversos livros infantis, um baú cheio de fantoches que são manipulados pelos próprios alunos e pelas professoras na hora da contação de histórias. Ambas também acham seus alunos bastante motivados e, segundo elas, eles adoram a “salinha de leitura”, mais conhecida pelos pequenos alunos como “salinha dos faz de conta”.

Sobre os que os pais acham, elas responderam que, até o momento, nunca tiveram nenhum tipo de reclamação ou perceberam alguma insatisfação. Durante os três dias em que estive no colégio, pude conversar com alguns deles, a grande maioria só apareceu mesmo na hora de pegar os filhos. Marquei uma entrevista com dois casais e outras duas mães que aceitaram responder minhas perguntas, mas, somente um casal e uma mãe compareceram ao encontro. Para ambos fiz as seguintes perguntas: como eles avaliam a escola, o que eles

acham da leitura e de que formam eles incentivam a leitura por parte dos filhos. A mãe respondeu que adora a escola e a metodologia de ensino, acha extremamente importante a leitura; a maneira que ela encontra de incentivar a filha, da alfabetização a gostar de ler é, além de estar acompanhando de perto as atividades escolares, sempre que possível, leva a mesma a eventos culturais; já o casal avalia a escola como boa, admite que mesmo sabendo da importância da leitura não anda participando muito da formação cultural dos filhos, um de seis anos e um de oito, e que devido ao tempo e ao trabalho não podem acompanhar as tarefas escolares dos mesmos, mas eles contam com a ajuda de uma professora de reforço que é com quem as atividades são feitas todos os dias.

A psicóloga da escola afirma que a grande maioria dos pais, mesmos aqueles que trabalham os dois expedientes, estão mais atentos aos filhos. Está havendo uma maior conscientização, ainda esta longe do ideal, mas os resultados dessa parceria está sendo considerada satisfatória; a prova disso é que cada vez mais, os pais vêm procurando a escola para saber sobre seus filhos, o que antes não acontecia, os pais simplesmente ignoravam os recados na agenda sobre as reuniões e só tinham conhecimento do desempenho do filho, na época de entrega dos boletins. Parte deste comportamento e consequência de campanhas desenvolvidas pela escola.

No Colégio Inácio Costa, conversei também com três professoras, uma do Jardim III, uma da alfabetização e outra da primeira série. Perguntei sobre os meios que elas utilizavam para trabalhar a leitura e como os alunos reagiam a estas práticas. A falta de recursos por parte da própria escola foi apontada como um grande obstáculo, pois, sem os vários recursos pedagógicos muito utilizados hoje em dia pelas escolas, as aulas ficam praticamente limitadas ao auditório, onde são feitas apresentações de teatro pelos próprios alunos e aonde eventualmente vão assistir a vídeos ou ouvir historinhas. No entanto, elas evidenciaram o fato de que os alunos tinham muita vontade e se mostravam bastante atenciosos principalmente na hora das contações de histórias que são realizadas todos os dias depois da recreação.

Durante minha visita, tive a oportunidade de conversar e entrevistar alguns pais que estavam presentes durante esses dias, foram três mães e dois pais. Sem nenhum constrangimento ou dificuldades, todos os entrevistados responderam com satisfação as

minhas perguntas. Perguntei se gostavam da escola e se estavam satisfeitos com o desenvolvimento de seus filhos. Todos responderam que sim, pois crêem que seus filhos estão se desenvolvendo bem, entretanto quando perguntei sobre a falta de recursos por parte da instituição, eles responderam que realmente a escola deixava muito a desejar, mas que por motivos financeiros, não tinham como procurar outra escola para seus filhos, pois a mensalidade desta é considerada acessível.

Em seguida perguntei a todos o que eles achavam da leitura e de que forma eles incentivavam a leitura em casa. Todos os entrevistados responderam achar a leitura nos dias de hoje muito importante, mas dos cinco entrevistados, apenas uma mãe respondeu que, além de acompanhar as tarefas da escola da filha, costuma a ler historinhas para ela na hora de dormir; também costuma a ler na presença da menina e recortar os quadrinhos que vem no jornal para filha se divertir. Todo o restante alegou falta de tempo, tanto em acompanhar os filhos nas atividades escolares, quanto praticar leitura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O colégio Santo Tomás de Aquino está localizado em um bairro nobre de Fortaleza, o Bairro de Fátima. Mesmo sendo um colégio com uma educação tradicional, consegue atender bem os interesses da educação e seu ensino é considerado bom pelos pais e a comunidade em geral. Mesmo funcionando em um mesmo prédio, a educação infantil fica separada do Ensino Fundamental e do Ensino Médio o que significa dizer que a educação infantil tem seu próprio espaço e políticas voltadas exclusivamente para seus interesses.

Já o Colégio Inácio Costa, situado no Bairro Presidente Kennedy, também com a educação tradicional, enfrenta sérios problemas, tanto estruturais como financeiro, mesmo assim seu ensino é considerado, pela sua comunidade, como satisfatório. Além da inexistência de uma biblioteca, o único espaço voltado para as necessidades de brincar das crianças é o pátio da escola. Toda a estrutura da escola é muito precária. As professoras e educadoras, com muito esforço, tentam driblar as dificuldades existentes, mas fica evidente a precariedade em que estas crianças vão se desenvolvendo.

Com base nos teóricos cuja leitura foi indispensável na elaboração deste trabalho, juntamente com minhas observações, percebo que o grande diferencial na vida das crianças como futuro leitores, é justamente, os estímulos que eles recebem, tanto da escola quanto dos pais. Não adianta os pais colocarem seus filhos na escola achando que, cabe exclusivamente a ela o papel de sócio educador, e que sozinha ela conseguira educar e estimular seus alunos, mas infelizmente, através da realização deste trabalho, pude constatar que esse ainda é o pensamento de muitos pais.

Iniciativas que tentam combater este tipo de pensamento, ainda são muito tímidas, e são poucas as Instituições de ensino que realmente se empenham nesta missão. A escola, ainda está longe do ideal. Muita coisa tem que ser vista e analisada, pois uma escola sem política séria de leitura e sem um mínimo de recursos pedagógicos não interessa a ninguém. De acordo com Vygotsky (1987), o meio é essencial para o desenvolvimento social humano. A criança quando bem estimulada, além de se transformar em um ser humano com capacidade de análise crítica do meio em que se encontra, ajuda a construir um mundo melhor.

Na Educação Infantil, as crianças demonstram grande interesse pela leitura e gostam de estudar, o problema vem nas séries seguintes, onde há uma queda nesse interesse e conseqüentemente, no rendimento escolar. As atividades vão ficando mais complexas e é justamente aí que os acompanhamentos e tem que serem intensificados. No entanto não é o que acontece, pois chega a ser.

“... dramático constatar que o número de alunos com reais problemas de aprendizagem é bem maior do que se poderia esperar. Justamente por não terem suas necessidades reais atendidas, desenvolveram vínculos negativos com o objeto do conhecimento e passaram a ter problemas para aprender.”

(SCOZ, 1994, p. 152)

A escola como mediadora da leitura, não está conseguindo atingir seus objetivos, pois além de não estar preparada para lidar com os problemas de falta de estímulo, também não conta com a parceria dos pais, além disso, as políticas de leitura adotadas são insuficientes para tornar o ato de ler uma atividade prazerosa e constante na vida de seus alunos.

Posso concluir que, o gosto e o prazer pela leitura não só depende da maneira como ele é introduzido em nossas vidas, mas também de como ele é estimulado durante toda a vida escolar. O problema não está somente nas séries iniciais, mas agrava-se nas séries que se seguirão. É necessário pais e escola reverem suas posições nesse contexto, para que futuramente, as novas gerações, não tenham problemas de leitura com na atualidade.

7. REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. Educação Infantil: creches - atividades de zero a seis anos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1999.
- BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. Psicologia e construtivismo. São Paulo: Ática, 1996.
- BANQUERO, Ricardo. Vigotsk e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 3v.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. (1ª à 4ª série). Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 10v.
- CAMPELO, Bernadete Santos, et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CAMPELLO, B. S.; SILVA, M. *A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Presença Pedagógica, [s.l.], v.6, n. 33, p.59-67, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).
- MILANESI, Luiz. O que é biblioteca? São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

OLIVEIRA, Silvo Luiz de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. L. S. Vygotsky: algumas idéias sobre o desenvolvimento e o jogo infantil. São Paulo: FDEE, 1994. (Série Idéias, n. 2).

PERROTTI, Edmir. Confinamento Cultural, infância e leitura. São Paulo: Sumus, 1993.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Da Oralidade à escrita: a produção de texto narrativo no contexto escolar. Cuiabá: INEP, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático científico na universidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O ato de ler. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Magda. Linguagem e escola. São Paulo: Ática, 1992.

SOUSA E SILVA, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social.-São Paulo: Ática, 1988.

SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 4ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER, Eroni Kern; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. Ativando a biblioteca escolar. Porto Alegre: [s.n],1993.

VYGOTSK, L.S, et.al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo. Ícone, 1988.

VYGOTSK, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1987

VYGOTSK, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Fontes, 1989

ZAGURY, Tânia. Limites sem traumas: construindo cidadãos. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NOBREGA, Maria José. A falta de leitura. Diário do Nordeste, Fortaleza, 03 out. 2004. Caderno Opinião.

FRAGOSO, Graça Maria. A BIBLIOTECA NA ESCOLA. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em 15. 05. 2005

OLIVEIRA, Cristiane Madanelo de. A LITERATURA INFANTIL. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm>>. Acesso dia 15. 05. 2005

LITERATURA INFANTIL. Disponível em: < www.sitedeliteratura.com>. Acesso em 18. 05. 05